

ANTILIBERALISMO E LUTA PELA TERRA NO MÉXICO: O PASSADO COMO ESTRATÉGIA DE COMBATE¹

Fábio Baião²

Resumo: o presente artigo busca uma reflexão detida acerca das estratégias de luta adotadas pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), movimento rebelde armado majoritariamente indígena localizado no sul do México. Diante de um cenário neoliberal que colocou em risco suas terras e tradições, os zapatistas de Chiapas se levantaram em armas e declararam guerra ao governo federal. Ao analisarmos os conflitos desencadeados a partir de então, é possível perceber o protagonismo ocupado pelas representações pretéritas, havendo a necessidade de dar um papel central ao estudo dos discursos enquanto configurações essenciais na construção das identidades culturais e históricas. Nesse sentido, refletiremos acerca dos usos do passado mexicano como ferramenta de combate e legitimação no que tange às estratégias de combate do EZLN.

Palavras-chave: Antiliberalismo; luta pela terra; EZLN; Revolução Mexicana; usos políticos do passado.

ANTI-LIBERALISM AND THE STRUGGLE FOR LAND IN MEXICO: THE PAST AS A FIGHT STRATEGY

Abstract: The purpose of this paper is to try to produce a discussion about the fight strategies utilized by the Zapatista Army of National Liberation (EZLN), the rebel and armed movement of indigenous majority located in the south of Mexico. Under a neoliberal context, that threatened their land and traditions, the Zapatistas made an armed uprising and declared war to the federal government. Analyzing the upcoming conflicts from the uprising, it is possible to perceive the central role that representations of the past have occupied, which makes the study of discourses a key element once they are essential parts of the construction of cultural and historical identities. Thus, we will make a discussion about the uses of the Mexican past as a fight and legitimizing strategy used by the ELZN

Keywords: anti-liberalism; struggle for land; ELZN; Mexican Revolution; uses of the past

¹ O presente texto é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (Bacharelado em História), que se desdobrou em uma pesquisa de Pós-Graduação (nível Mestrado) e, atualmente, se encontra em andamento.

² Mestrando em História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: baiao.fabio@gmail.com

Introdução: o levante armado do Exército Zapatista de Libertação Nacional

Os anos de 1990 foram caracterizados pela adoção de políticas neoliberais em grande parte da América Latina. No México, essa postura foi pauta primordial para o governo que buscou a reestruturação da economia nacional – consideravelmente abalada pelas crises da década anterior. O Estado mexicano dedicou seus esforços para firmar um Tratado de Livre Comércio com os Estados Unidos e o Canadá, orientando suas práticas administrativas para a obtenção do acordo. Em novembro de 1993, o Congresso dos EUA aprovou de forma definitiva a entrada mexicana no *North American Free Trade Agreement* (NAFTA). O tratado entraria em vigor no primeiro dia do ano de 1994. O país virou notícia internacional e os seus governantes estavam confiantes do sucesso daquela modernização econômica, certos de que estavam contribuindo para o progresso social e desenvolvimento da nação rumo ao século XXI.

Mas aquele esperado 1º de janeiro de 1994 passou para a história do México não somente pela entrada do país no NAFTA. Naquele mesmo dia³, um movimento majoritariamente indígena havia se levantado em armas em uma das áreas mais pobres da nação. Enquanto o clima das festividades de final de ano envolvia boa parte da população, o grupo armado avançava em meio à densa região da Selva Lacandona⁴, no estado de Chiapas. Seguindo através de um desfiladeiro conhecido como ‘*de abanico*’, os insurgentes marcharam rumo às cabeceiras de sete cidades previamente escolhidas. Em plena euforia do amanhecer do ano novo, um espanto geral diante da rebelião indígena no sudeste do país tomou conta da capital federal. Os planos políticos do governo corriam risco frente ao conturbado contexto social que se instaurara em Chiapas.

A imagem dos homens e mulheres com as faces cobertas por *pasamontañas*⁵ e com armas na mão chamou a atenção dos diversos turistas em férias que visitavam os conjuntos arquitetônicos maias da região; alguns tiravam fotos, enquanto outros estavam assustados com aquela confusa situação. O grupo armado trazia consigo uma bandeira preta, ornamentada com uma estrela vermelha e os dizeres ‘EZLN’. A sigla

³ Segundo os zapatistas, a escolha da data foi uma forma de mostrar o descontentamento com o tratado econômico que entraria em vigor no início daquele ano. Conforme veremos, o EZLN apontou o NAFTA como uma ameaça para a sociedade mexicana, principalmente no que diz respeito às comunidades indígenas e às terras comunais.

⁴ A Selva Lacandona está localizada no leste do estado Chiapas; é neste território que se encontra a maioria dos membros do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

⁵ Máscara de lã utilizada para proteger o rosto do frio que garantiu o anonimato dos membros do EZLN durante o levante de 1994, sendo posteriormente adotada com símbolo no movimento insurgente.

logo ganhou significados e o mundo passou a conhecer o nome do movimento armado: *Ejército Zapatista de Liberación Nacional*. O clima de tensão que tomou conta das áreas ocupadas exigiu que as autoridades nacionais agissem rápido. A solução inicialmente encontrada foi a repressão maciça do movimento rebelde: grandes contingentes do exército foram enviados para o local do conflito.

Intensos confrontos bélicos foram travados nos dias posteriores ao levante em Chiapas, dezenas de soldados de ambos os lados foram mortos. Os sublevados se autoproclamaram como força paramilitar insurgente que lutaria contra o governo federal para conseguir atender às demandas indígenas por terra e dignidade em Chiapas. O porta-voz do grupo demonstrava ímpar habilidade com a oratória, dominando o inglês, o francês – e alguns idiomas indígenas – além de possuir desenvoltura frente aos flashes e câmeras. Sua identidade era um mistério, se apresentava como Marcos, Subcomandante do Exército Zapatista, se eximindo de qualquer cargo de chefia dentro do grupo. Diante da forte repressão do governo, várias cartas, comunicados e manifestos foram emitidos pelo EZLN com o intuito de chamar a atenção para as questões indígenas chiapanecas.

Os comunicados dos zapatistas, redigidos pelo Subcomandante Marcos e publicados em diversos jornais mexicanos, continham uma série de críticas ao governo federal, bem como ao sistema de partido único desenvolvido pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI), que chefiava o executivo nacional, ininterruptamente, desde 1929. Além de realizarem uma denúncia da realidade vivida naquele estado, estes textos trouxeram – desde o início – outra importante característica do movimento insurgente: um forte apego a elementos históricos nacionais em um constante regaste do passado; dando ênfase especial à Revolução Mexicana e à luta indígena pela terra. Assim, a memória do general revolucionário Emiliano Zapata⁶ foi apropriada, não apenas no nome do grupo armado, mas também em outras várias representações, destacando-se, os discursos legitimadores expressos nos diversos textos elaborados pelo EZLN através de seu porta-voz oficial.

⁶ Emiliano Zapata foi um dos principais ícones da Revolução Mexicana e líder do Exército Libertador Sulista, por isso, a patente de general. Dono de grandes propriedades na região de Morelos, sul do México, Zapata tornou-se sinônimo de heroísmo ao estabelecer o lema: ‘Terra e Liberdade’. Ver: WOMACK JR., John. *Zapata y la Revolución Mexicana*. México, Siglo Veintiuno, 1979.

Dentro das várias demandas postuladas pelo EZLN, a luta pela terra, bem como as questões envolvendo o artigo 27 constitucional⁷ eram vistas como as mais urgentes. Este artigo em questão definia e regulamentava as terras comunais, conhecidas como *ejidos*⁸. Os terrenos *ejidais*, que segundo os insurgentes foram uma das maiores conquistas da Revolução Mexicana, eram inalienáveis e não podiam ser vendidos – sendo que cada proprietário possuía o usufruto de sua parcela hereditária. Em novembro de 1991, o executivo nacional fez votar a reforma deste artigo; determinando o fim da repartição agrária dos *ejidos* e os colocando a disposição de proprietários privados. Para alguns analistas, a revogação do artigo 27 teria por consequência a degradação da população indígena, aliada a uma concentração de terra que poderia gerar êxodo maciço para as grandes cidades⁹ (GENNARI, 2002). Além disso, as reformas neoliberais realizadas pelo então presidente Carlos Salinas de Gortari eram apontadas pelos rebeldes como catalisadoras daquela eclosão armada.

História nacional e memória política nas lutas antiliberais zapatistas

Um misto de manifesto político e poesia marcaram, desde o início, os textos do EZLN. Nas centenas de cartas e comunicados é possível perceber um estilo bem próprio, no qual a narrativa é operada tendo como cerne a aproximação do receptor/leitor com as questões indígenas de Chiapas – expressas sob a ótica insurgente. Nesse sentido, o Subcomandante Marcos desenvolveu um papel central no que tange à especificidade zapatista em se manifestar retoricamente. Não só por sua posição como porta voz do grupo, mas também, por conseguir operar um amplo conjunto de elementos indígenas aliados a uma série de símbolos nacionais, dando sentido e legitimidade às demandas antiliberais do EZLN.

Os rebeldes de Chiapas trouxeram para o nome da organização armada a memória de Emiliano Zapata, em um claro ‘resgate’ dos elementos simbólicos e

⁷ O Artigo 27 da Constituição mexicana consistia em uma importante regulamentação agrária do país. Era este dispositivo que garantia a propriedade agrícola comunal elemento inalienável e de usufruto garantido pelos camponeses. Com o NAFTA, uma das exigências estadunidenses foi a reforma daquele artigo constitucional.

⁸ O *ejido* é uma porção de terra administrada e compartilhada por uma determinada comunidade e está prevista pelo artigo 27 da Constituição mexicana de 1917.

⁹ Para uma análise mais detida acerca dos impactos do NAFTA ver: BAILEY, John (org). *Impactos del TLC en México y Estados Unidos*. Efectos subregionales del comercio y la integración económica. Flacso México/Universidad de Georgetown/M.A. Porrúa. 2003.

históricos da Revolução Mexicana de 1910¹⁰. Com isso, foi estabelecida uma estratégia discursiva que desempenha papel importante: o de produzir sentido para as experiências passadas como forma de inventar o presente e o futuro (GUIMARÃES, 2007). Cabe frisar que “o discurso político não esgota, de forma alguma, todo o conceito político, mas não há política sem discursos; este é constituído daquela; a linguagem é o que motiva a ação, a orienta e lhe dá sentido” (CHARAUDEAU, 2008: 39).

A Primeira Declaração da Selva Lacandona¹¹ é um documento que nos permite perceber a visão particular dos insurgentes de Chiapas acerca da história do México. Através de um esquema discursivo de retorno a uma suposta memória original, os zapatistas de Chiapas buscaram encontrar o mito revolucionário que legitimasse suas demandas políticas. Maria da Glória Gohn (1997) aponta a necessidade dos movimentos e organizações sociais de trazerem elementos históricos para dentro de suas demandas, no sentido de apontá-las como frutos de um longo processo de luta. Do mesmo modo, Maria Regina Celestino de Almeida (2009) também nos indicia que o pretérito é mobilizado tendo em vista a busca de uma identidade comum que possa ser operada no sentido de unificar os indivíduos do grupo:

Movimentos indígenas da atualidade igualmente fazem uso do passado para construir ou afirmar identidades, buscando, ainda, desconstruir o estigma de inferioridade para se afirmar de forma positiva, unificando os membros do grupo em torno de um passado que possa engrandecê-los (ALMEIDA, 2009: 228).

Publicada em 1º de janeiro de 1994, a Primeira Declaração da Selva Lacandona foi a mais curta Declaração oficial do movimento chiapaneco. Esta narrativa foi estruturada de maneira simples e objetiva, na qual os insurgentes proclamam guerra ao que chamavam de ‘mau governo’ – expresso nas políticas neoliberais do então presidente Carlos Salinas de Gortari (1988-1994). Conhecido como o ‘Já Basta’ zapatista, este texto – publicado inicialmente sobre a forma de panfleto – opera uma

¹⁰ A Revolução Mexicana foi um grande movimento armado que começou em 1910 a partir de uma rebelião liderada pelo latifundiário e político Francisco Madero contra o antigo autocrata, e então presidente da república, general Porfirio Díaz. Foi a primeira das grandes revoluções do século XX, tendo como principais características a luta em prol das questões agrárias e o combate às opressões sociais. Ao longo do processo revolucionário, vários líderes se destacaram em meio aos conflitos. Dentre eles, os mais populares são: Emiliano Zapata e Pancho Villa.

¹¹ As Declarações da Selva Lacandona constituem como os principais documentos do EZLN. Em um total de seis declarações, o movimento zapatista expõem nesses textos seus princípios, organização, objetivos, formas de luta, demandas, entre outras posturas ideológicas do grupo. A Primeira Declaração da Selva Lacandona foi publicada em 1º de janeiro de 1994, inicialmente, em forma de panfleto que declarava guerra ao governo federal.

estratégia discursiva que visou aproximar os conflitos de Chiapas da década de noventa com elementos históricos da nação:

Somos producto de 500 años de luchas: primero contra la esclavitud, en la guerra de Independencia contra España encabezada por los insurgentes, después por evitar ser absorbidos por el expansionismo norteamericano, luego por promulgar nuestra Constitución y expulsar al Imperio Francés de nuestro suelo, después la dictadura porfirista nos negó la aplicación justa de leyes de Reforma y el pueblo se rebeló formando sus propios líderes, surgieron Villa y Zapata, hombres pobres como nosotros (...) (EZLN, 1994: 07).

O trecho acima ilustra bem as características do panfleto zapatista, uma convocação de guerra que possui ritmo de leitura veloz; com o primeiro parágrafo possuindo apenas uma frase e poucas vírgulas. Naquelas breves linhas, podemos vislumbrar os primeiros séculos de história mexicana, até chegar ao processo revolucionário de 1910, no qual Emiliano Zapata e Pancho Villa¹² foram mobilizados. O restante da Declaração mantém o mesmo ritmo acelerado – abordando o século XX – com denúncias e acusações em relação às políticas neoliberais. A renúncia do chefe do executivo era exigida pelos insurgentes, assim como o fim do sistema de partido único. “A velocidade da leitura imprime o sentido de urgência, de ruptura, explicitada no lema ‘já basta!’, que contrasta com a longa duração e as tradições nacionais evocadas pelo mesmo texto” (FIGUEIREDO, 2003: 115).

A questão indígena, estabelecida no curso dos séculos, catalisou simbolicamente o passado e a história como pontos de referências: a terra e seu mito; a conquista e a colônia; as opressões e as resistências, etc. Desse modo, o projeto político zapatista focou em 1492, criando um suposto marco cronológico de oposição frente à coerção que se liga diretamente com o presente. A escolha do ano da chegada de Colombo a América – desse passado que se prolonga no tempo – reporta a elementos constitutivos de uma certa mitologia de resistência indígena; frequentemente usada nos textos do movimento chiapaneco. Ao se postularem como frutos de séculos de lutas frente à dominação, o discurso rebelde pretendeu estabelecer uma linha ininterrupta de resistência frente à opressão.

Apesar de o marco cronológico datar do início da ocupação europeia à América – evocando uma leitura ontológica de caráter apriorístico, anterior à criação da própria

¹² Pancho Villa foi um dos mais icônicos gerais da Revolução Mexicana. Sua imagem também é amplamente difundida no imaginário social mexicano, sendo associada à luta dos ‘pobres contra os ricos’, uma vez que foi estabelecida – ao longo do século XX – a ligação de Villa com o personagem Robin Hood. Ver: TAIBO II, P. I. *Pancho Villa: una biografía narrativa*. México D. F.: Planeta, 2006.

nação – as principais referências zapatistas, conforme já mencionado, foram mobilizadas da Revolução Mexicana. O ano do assassinato de Emiliano Zapata, 1919, passou também a ser um símbolo de referência e resistência diante do que os rebeldes chamavam de “mau governo” que lhes negam o acesso a terra:

Como en 1919, el supremo gobierno nos mata para apagar nuestra rebeldía. Como en 1919, la tierra no es de quien la trabaja. Como en 1919, las armas son el único camino que deja el mal gobierno para los sin tierra. Por esto, nos alzamos en armas (EZLN, 1994: 212).

Diante dessa construção, a memória coletiva se faz presente, comunica e trabalha cargas afetivas que serão componentes de ligação entre os distintos períodos históricos. Com isso, a história possui também outra função: legitimar as demandas por terra do presente e justificar as ações políticas antiliberais; estabelecendo supostas analogias com outras épocas do pretérito. O ano de 1919 – assassinato de Emiliano Zapata – foi trazido à tona de forma a estabelecer paralelos com 1994, apontando elementos de injustiça social que ainda estariam presentes naquele contexto mexicano.

La fuerza de la palabra y su sentido de lo político son de importancia primordial; lo militar pasa a un segundo plano. La guerra no se gana sólo con las armas, la organización social y la política, en el contexto estructural simbólico, se vuelven centros operacionales. El considerable número de comunicados, de poemas y de creaciones de las redes zapatistas en internet son un arma vital (MATAMOROS PONCE, 2009: 310-311).

Dessa forma, tentou-se produzir uma transmissão histórica ‘natural’ e transcendente acerca dos preceitos simbólicos da nação. Ao se associarem com as figuras de Emiliano Zapata, entre outros, o EZLN almejou estabelecer uma estreita relação de valores com estes ícones, compartilhando supostamente em seus discursos com os mesmos ideais de terra e liberdade dos ‘Heróis’. Os atos de recordação são sempre interessados, por isso, agem – ao mesmo tempo – como atos de identificação. A filiação com fatos e personagens do passado pode, muitas vezes, se dar em meio a formas literárias (trágica, romântica, heróica, etc.); sendo permeada por elementos socioculturais:

Hoy nosotros, los soldados zapatistas, los guerreros de las montañas, somos los mismos que con Villa y Zapata recorrimos la Republica entera para hacer una Revolución que murió entre los libros, aplastada por los monumentos de la nueva clase gobernante. Nosotros, los insurgente de ayer, hoy y siempre, venimos a gritar: vivir por la patria o morir por la libertad (EZLN, 1994: 41).

Podemos perceber com isso, o caráter de reverência que estes personagens exercem no sentido de serem cultuados como verdadeiras imagens *sacro-cívicas*, com

as quais o público mexicano pode identificar-se (VASCONCELLOS, 2007). Os ícones mobilizados dentro do discurso zapatista estão associados à liberdade; patriotismo; luta por uma vida melhor; entre tantos outros valores caros para uma comunidade nacional: “La experiencia histórica de los últimos lustros ha comprobado que los actuales mitos revolucionarios o sociales pueden ocupar la conciencia profunda de los hombres con la misma plenitud que los antiguos mitos religiosos” (MARIÁTEGUI, 2007: 160). Dentro das representações zapatistas o passado, principalmente o que tange à Revolução Mexicana – com seus símbolos e ‘heróis’ –, foi utilizado como estratégia de combate na luta pela terra e contra as políticas neoliberais.

Os elementos constitutivos dos ‘heróis’ são estabelecidos aproximando distintos projetos e momentos históricos em uma ampla e complexa trama representativa que buscou operar elementos do passado no presente – almejando a legitimidade necessária frente à sociedade civil nacional e internacional. Na medida em que estes ícones são articulados retoricamente, seus valores passam a ser apropriados por aquele grupo específico que os usa; estabelecendo uma associação estreita de tendências político-sociais. Desse modo, as lutas por terra e as mobilizações contra a opressão governamental que marcaram a Revolução Mexicana no início do século XX são estabelecidas como pano de fundo em relação às disputas entre EZLN e o governo a partir de 1994. As estratégias de usos políticos do passado guardam uma lógica própria, tendo como guia questões específicas no presente, como o combate contra as posturas neoliberais adotadas no México.

Desse modo, a memória trabalha no campo da seleção de eventos – como se selecionam, por exemplo, aqueles que entram ou não no Panteão Nacional (SELIGMAN-SILVA, 2003). Memória e esquecimento se ligam e tomam forma atendendo aos projetos políticos circunscritos no presente. A eleição dos personagens que compõem o mosaico geral de orientação zapatista foi um processo meticuloso, que como tal, operou o binômio dizer e elidir. Vale lembrar, que existem recordações do pretérito que não devem vir à tona, algumas questões não são úteis para defender determinado projeto ou ação. Portanto, aquilo que é considerado indesejável, passa a ser descartado da argumentação (ROSA, 2007).

A política mexicana, principalmente o que tange o governo federal, edificou ao longo do século XX uma cultura política revolucionária que esteve presente em várias esferas da sociedade (BAIÃO, 2012). Logo, os feitos e bravuras ligados às imagens revolucionárias criaram na memória coletiva mexicana um conjunto de qualidades que

possibilitaram a elevação desses símbolos como ícones nacionais. Conforme já dito, sabemos que todo esse processo foi permeado por um projeto político com interesses bem definidos. O fato é que hoje as imagens destes personagens estão ligadas a valores tão elementares que torna possível o seu uso de acordo com cada desejo específico. Esta flexibilidade, ou seja, a ligação dos ícones às questões morais basilares dentro de uma lógica nacionalista permitem que seus usos possam ser feitos sempre quando for preciso agir em prol do ‘bem comum’ social. Por isso é comum nos depararmos com uma série de figuras históricas nos textos dos zapatistas de Chiapas.

Além de embasarem o discurso político do movimento, estes personagens do passado nacional supostamente legitimariam as ações do EZLN no presente, como a luta pela terra e as críticas às políticas neoliberais. Sabemos que conceitos como liberdade e justiça são valores polissêmicos, essenciais para os discursos políticos. Ampliar as demandas zapatistas para além das questões indígenas foi de suma importância para um maior alcance efetivo das propostas do movimento. Nesse sentido, o grupo insurgente propôs um amplo projeto político para todo o México, buscando associar à luta de Chiapas com as demais reivindicações nacionais. Houve um esforço constante por desvincular as estratégias do EZLN como sendo essencialmente locais, correspondendo apenas à realidade do sudeste do país. Foi necessário frisar que a adoção do NAFTA afetaria não só as comunidades indígenas, mas todo o país. Assim, o movimento chiapaneco não tardou em associar as demandas nacionais ao seu projeto político, buscando uma contínua identificação com a sociedade mexicana.

Dentro desse contexto, a noção de filiação direta com o passado é constantemente operada. A estratégia zapatista além de buscar os seus referenciais na memória (nacional/revolucionária e indígena) do México, também procurou mostrar a existência de valores transcendentais repassados a eles através dos séculos e, supostamente, herdados dos personagens históricos: “Somos los herederos de los verdaderos forjadores de nuestra nacionalidade (...)” (EZLN, 1994: 07). Os imaginários criados em torno dos ícones nacionais são elementos dinâmicos, transmissíveis ao longo do tempo. Suas (re)criações por meio de projetos políticos explicam a sua permanência e incrível vitalidade. A importância desses símbolos dentro do discurso zapatista reside no potencial de aprendizado dado a eles pelo movimento chiapaneco. Segundo o EZLN, o passado tem a potencialidade de ensinar ao mesmo tempo em que legitimaria as demandas do presente.

Reinhart Koselleck (2006) ao analisar a história do conceito de *historia magistra vitae*, afirma que esta concepção pedagógica dos acontecimentos históricos perdurou ao longo de cerca de dois mil anos. Segundo Koselleck, a história, durante vários séculos, teria o papel de uma escola, na qual se podia aprender com o passado. O caráter de um pretérito recheado de exemplos, onde seria possível retirar elementos que dotem o presente de experiência, é uma recorrente nos discursos zapatistas. Dessa forma, seguindo o modelo koselleckiano de *historia magistra vitae*, o passado mexicano seria o cadinho contendo as múltiplas experiências válidas que mostraria ao futuro – ou ao próprio presente – quais caminhos e fórmulas a seguir e/ou repudiar.¹³

As representações acerca deste pretérito nacional, expressas das mais variadas formas, são construções elaboradas com base em percepções históricas em constante movimento. Os indivíduos, em relação a um modelo de aspirações (presentes e futuras), produzem suas interpretações que são transmitidas por gerações através da memória coletiva – também podemos delimitar um conceito de tradição tendo como base estes mesmo preceitos. Em alguns casos, as leituras do passado transcendem a própria história, criando imagens, símbolos e produzindo ‘lugares de memória’ – que segundo Pierre Nora (1993) são o refúgio para o espírito de continuidade.

Nesse sentido, conforme sugere o próprio nome do movimento de Chiapas, a imagem de Emiliano Zapata desenvolveu papel central dentro das articulações políticas do EZLN, sendo retoricamente mobilizada como figura legitimadora. Para o EZLN existe um ‘espírito original’ que liga a imagem de Zapata à terra. Dentro da lógica rebelde, a revogação do artigo 27 da Constituição significou “trair os princípios” revolucionários.

Emiliano Zapata e a filiação ao passado revolucionário na luta pela terra

Em um de seus vários textos, o Subcomandante Marcos narra um episódio ocorrido em 10 de abril de 1992, quando uma multidão indígena – advinda de treze cidades do estado de Chiapas – manifestou-se em frente ao palácio presidencial na Cidade do México contra as comemorações dos 500 anos da chegada de Colombo à América. Segundo Marcos, depois de dançarem ao redor de uma imagem de Zapata

¹³ Cabe ressaltar, que as propostas de Koselleck vão muito além da breve análise acima descrita. Ao recorrermos ao conceito de *historia magistra vitae*, procuramos enfatizar o caráter pedagógico atribuído à história nacional mexicana por parte do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

pintada no chão, os manifestantes gritaram incessantemente: “Zapata Vive, la lucha sigue!” Um dos indígenas leu uma carta dirigida ao então presidente Carlos Salinas de Gortari onde o acusavam de haver acabado com os benefícios obtidos pela revolução de Emiliano Zapata (EZLN, 1994: 65). Sabemos que alguns outros movimentos e organizações sociais¹⁴ usam a imagem do Libertador do Sul em suas estratégias políticas e representativas: “era uma prática recorrente dos movimentos sociais mexicanos a invocação dos heróis e simbologias revolucionárias” (FIGUEIREDO, 2003: 55).

No caso do EZLN, a apropriação do ícone revolucionário mostrou-se singular na medida em que os rebeldes postularam uma estreita linha de continuidade com os ideais zapatistas do início do século XX. Vale ressaltar que a proposta dos insurgentes foi um regresso aos ‘reais’ valores revolucionários. Assim, a luta pela terra do General Sulista não seria apenas uma inspiração e sim uma realidade. Depois da morte de Emiliano Zapata, teve início um processo de reinterpretação da história de suas batalhas. Os discursos que envolvem a imagem do Libertador do Sul foram edificados de maneira transcendental, articulados com o tempo para dar ao projeto zapatista de 1910 uma força e permanência cotidiana – principalmente a partir de 1994. De acordo com Matamoros Ponce (2009), o mito de Emiliano Zapata foi elaborado por e ao redor dos atores que fazem uso daquela imagem para legitimar alguma questão do presente. O elemento mítico extrai sua força da característica de não apresentar como símbolo, mas como fato (MIGUEL, 1998).

El mito há sido y seguirá siendo el instrumento idóneo para manifestar las aspiraciones colectivas más recónditas. Es el transmisor de los temores compartidos. El conducto por donde fluyen los temores más íntimos que conmueven a los diversos grupos sociales. Es el lenguaje elegido para comunicar los anhelos de felicidad, paz, armonía, justicia y buen gobierno. Es el canal por el que corren las pulsiones que demandan un mundo mejor. Y cuando se concentra en las personas o en sus actos, el mito es el constructor de seres legendarios: héroes, mesías, genios, villanos, redentores y otros personajes rodeados por el halo del carisma (FLORESCANO, 1996: 11).

Mesmo com o assassinato de Emiliano Zapata no final da Revolução, seu exemplo de luta foi constantemente trabalhado por uma história e educação nacionalistas. Associada à esperança, a figura do Libertador do Sul se converteu em uma imagem imaculada, que, supostamente, poderia regressar a qualquer momento. Ao

¹⁴ Como o caso do *Consejo Supremo de Pueblos Indios* (CNPI); bem como da *Coordinación Nacional de Acción Cívica* (Conac-LN). É interesse notar que houve um diálogo entre o EZLN e estas demais organizações, destacando principalmente o Conselho Guerrerense 500 anos de resistência indígena.

elegerem o General Revolucionário como figura máxima do movimento, os insurgentes de Chiapas reorientaram as interpretações acerca da memória que envolve este personagem histórico específico, aproximando – por meio de uma releitura estratégica – as reivindicações e projetos políticos do presente com características e valores do passado.

Os elementos simbólicos que estão associados à imagem de Zapata foram articulados de maneira particular pelo EZLN, dando às demandas revolucionárias de 1910 uma incrível lógica contemporânea. A herança das tradições é efetivada através das gerações que conservam, em grande parte, os significados emocionais dos aspectos que remetem a um pretérito mitificado e idealizado. Por outro lado, cabe frisar que a conservação das tradições não é sinônimo de estagnação. Pelo contrário, percebemos no interior destas manifestações um amplo campo de transformação e (re)subjetivação do passado. Dessa forma, podemos inferir que existe uma “potência criativa das tradições” (MATAMOROS PONCE, 2009) que marca a relação com as mesmas no presente.

Conforme já mencionado, dentre as várias demandas postuladas pelo EZLN, a luta pela terra e a negação das políticas neoliberais envolvendo o artigo 27 constitucional foram estabelecidas como as mais urgentes. Desse modo, o discurso dos insurgentes de Chiapas tendeu a aproximar a imagem de Emiliano Zapata com as características estabelecidas pela Constituição de 1917 – principalmente no que tange aos benefícios do artigo número 27. A estratégia dos rebeldes buscou associar o texto constitucional, com o suposto espírito de Zapata. Em um comunicado datado de 1º de março de 1994, o EZLN afirmou que: “El artículo 27 de la Carta Magna debe respetar el espíritu original de Emiliano Zapata: la tierra es para los indígenas y campesinos que la trabajan” (EZLN, 1994: 179).

Uma concepção essencialista de história guarda consigo um suposto modelo de originalidade dos fatos pretéritos, uma ‘idade de ouro’ onde repousaria o elemento ‘real’, livre das ‘impurezas’ políticas. Assim, é vinculada nas estratégias discursivas do EZLN uma constante menção ao ‘espírito original’ de Emiliano Zapata, que foi perdido e/ou deturpado pela política mexicana ao longo do século XX. Podemos observar a tentativa de retorno de um elemento ‘primordial’; no caso: a ‘essência’ do General do Sul. Este modelo de regresso a um evento de origem, com vistas a (re)estabelecer um padrão que teria sido perdido ou eliminado pelos governos pós-revolucionários, foi uma

recorrente que marca a noção de temporalidade histórica zapatista¹⁵. Dessa forma, retomar o ‘verdadeiro’ espírito de Zapata seria retomar supostas essencialidades do passado fundamentais para a concepção de história do EZLN¹⁶.

Esta concepção – aliada a uma estratégia de combate específica – visou estabelecer uma íntima relação entre a imagem do revolucionário e as terras *ejidais*. Para o movimento chiapaneco, manter o artigo constitucional 27 era, de certa forma, manter um suposto ‘espírito original’ de Emiliano Zapata. Sabemos que a Constituição mexicana de 1917 foi redigida em meio a uma efervescência política muito grande¹⁷; os anos anteriores ao texto haviam sido marcados por intensos e sangrentos combates. A Carta Magna era vista como um dos caminhos para a paz política e social do país – além de uma tentativa de síntese se projetos diversos. Na leitura dos insurgentes de Chiapas, o espírito do General Libertador foi decisivo na redação do conjunto de leis. Não importa a veracidade dos feitos em torno do personagem eleito como símbolo, trata-se de uma interpretação social norteada pela ideia de influência direta do herói e de seus valores sobre a Constituição. Dessa forma, o EZLN liga-se a uma história ativa; colocando-se como um guardião e seguidor do “espírito original” do Revolucionário do Sul: “Siguiendo las palabras del jefe Zapata nosotros llamamos al Pueblo de México a que apoyara la justa causa que anima el canto de nuestro fusiles” (EZLN, 1994: 145).

Em um total de cinco comunicados, todos emitidos em 10 de abril de 1994, o movimento chiapaneco comemorou o 75º aniversário de morte do General Emiliano Zapata. Os referidos textos, além de trazerem à tona a memória do Libertador do Sul, tecem duras críticas ao governo federal – considerado como usurpador e ilegítimo pelos insurgentes. Caracterizando a homogeneização dos valores de uma comunidade, as comemorações buscam, nessa valorização de acontecimentos do passado, significações diversas que possam vir a fazer sentido e serem usadas no presente. A estratégica discursiva dos rebeldes de Chiapas tendeu à edificação de uma relação bem específica com o personagem revolucionário. Desse modo, de acordo com o movimento, Emiliano Zapata é, ao mesmo tempo, pai, irmão e filho:

¹⁵ A noção de temporalidade histórica estabelecida pelo EZLN através das estratégias discursivas expressas nos textos do Subcomandante Marcos, priorizou uma concepção circular do tempo, onde o processo revolucionário – e seus personagens – poderiam regressar a qualquer momento como exemplos de esperança.

¹⁶ Cabe ressaltar, que o resgate da memória de Emiliano Zapata, além de importante elemento histórico legitimador, está diretamente associada às críticas estabelecidas pelo EZLN no que tange a nova regulação do direito agrário e do direito à terra, bem como a eliminação dos *ejidos*.

¹⁷ Ver: CARPAZIO, Jorge. *La Constitución Mexicana de 1917*. México D. F.: Porrúa, 2009.

En el amanecer del año, sin nombre tuvimos de nuevo nombre, sin rostro otra vez rostro tuvimos. Emiliano Zapata, nuestro padre, su apellido nos dio. Hermano nuestro, ejemplo armado marcó Emiliano Zapata. Nuestro hijo Zapata nuevo futuro nos pidió. Bandera es que arropa nuestro passo guerrero. Emiliano zapata, de nuestra tierra suelo, dignidad de nuestra historia, luz de nuestra noche, siempre mañana limpia de la esperanza nuestra (EZLN, 1994: 218).

O trecho acima faz parte de uma carta emitida a outro grupo indígena mexicano. É interessante observarmos como a imagem de Zapata ganha vários significados ao longo da missiva em questão. Através de várias figuras de linguagem, o General do Sul é colocado como pai, irmão e filho. Aquele que fornece identidade ao grupo (pai), aquele com que a vida e os desafios são divididos (irmão), aquele que é a esperança e a projeção para o futuro (filho). Os objetos e símbolos mobilizados nos discursos são premissas de ordem gerais utilizadas para reforçar a adesão e a emoção em relação a determinados valores.

Procurando legitimar a estreita relação entre o processo revolucionário de 1910 e as questões envolvendo aquele ano de 1994, a estratégia de combate dos insurgentes zapatistas inaugurou uma nova reflexão sobre a temporalidade. Dessa forma, o General do Sul – também fruto de injustiça e líder de uma luta contra ela – torna-se pai do passado e filho do futuro; anunciando a suposta ideia de um novo porvir. As comemorações em torno do 75º aniversário da morte de Emiliano Zapata, em razão do seu valor simbólico, visou à (re)afirmação da proposta do EZLN em dar ‘continuidade’ a um projeto, que de acordo com o movimento, foi a essência da Revolução Mexicana: “comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal (SILVA, 2002: 43).

Os rituais de comemoração ilustram bem este tipo de relação entre o presente e a história; no qual o primeiro configura-se como uma eterna reciclagem de elementos diversos do passado. Nas cerimônias de celebração dos acontecimentos históricos, a memória se destaca, uma vez que não haveria uma ‘busca das origens’, mas sim, a constante recordação do universo dos signos do pretérito (NAVARRO-BARBOSA, 2004). Sabemos que os símbolos do passado; mesmo amplamente disseminados no imaginário coletivo social, “só podem trabalhar mediando às reformulações que permitem (re)enquadrá-los no discurso concreto face ao qual nos encontramos” (ACHARD, 2007: 14). Dentro desse contexto, existem inúmeras maneiras de manejar e ritualizar os ícones históricos a fim de enaltecer as qualidades de um determinado

projeto político que visa a alguma benesse no presente – como a luta pela terra e a retórica antiliberal. A estratégia zapatista de filiação com o passado, além de postular uma ligação direta com o General do Sul, afirma que o mesmo não havia morrido:

Y cuentan los más viejos entre los viejos de la comunidades que hubo un tal Zapata que se alzó por los suyos y que su voz cantaba, mas que gritar, Terra y Libertad! Y cuentan estos ancianos que no há muerto, que Zapata ha de volver (EZLN, 1994: 106).

A imagem de Zapata, constantemente mobilizada nos discursos legitimadores, foi trabalhada de forma a permanecer ‘suspensa’ em relação ao tempo. Revisitada pelos diversos personagens através de manifestações políticas, artísticas e culturais.

Se les veía revenir en defensa de los campesinos. En esta invención del imaginario, Pancho Villa penetra en los Estados Unidos para vengar a los mexicanos y crear una oposición contra una eventual invasión norteamericana; Zapata no estaba muerto, sino asociado al principio de la esperanza, imagen en constante renovación, suspendida en el tiempo y asimilándolo a San Miguel, vencedor del mal, y a Quetzalcóatl siempre esperado (MATAMOROS PONCE, 2009: 88).

Emiliano Zapata foi postulado, através das representações insurgentes, como um mito que não tardará em retornar para fazer justiça e dar continuidade à luta pelos mais necessitados. Esta profecia da volta de Zapata nos remete a um momento mítico que se encontra em constante repetição, sendo celebrado como algo que garante a identidade do grupo. Revisitar a memória do Revolucionário do Sul é uma maneira de manter ‘viva’ as propostas de Zapata, estreitando os laços entre o movimento de 1994 e o projeto de 1910. Esta operação retórica trabalha a história de forma a legitimar as ações do presente, colocando o EZLN como uma espécie de antecipação do retorno do General do Sul. Dentro desta lógica, o exemplo de resistência do passado opera no sentido de estabelecer modelos a serem seguidos, buscando uma proximidade com a figura heróica (MATAMOROS PONCE, 2009).

A expectativa do regresso revolucionário foi representada em inúmeros *corridos*¹⁸. Várias destas composições trazem em suas letras a figura do Libertador do Sul galopando em seu cavalo pelas montanhas; na espera de um retorno que traria a justiça da Revolução aos despossuídos. Esse tipo de revelação acerca do herói opera no sentido de mostrar que Emiliano Zapata não estaria morto, mas sim associado ao princípio de esperança – imagem ‘imune’ ao tempo – sendo diariamente reinventada por

¹⁸ O *corrido* é considerado uma manifestação popular mexicana, principalmente musical e literária. Ver: TELLO, Aurelio. *Memoria de la música mexicana: investigación y patrimonio musical*. In: ENRIQUE, Florescano (org.). *El patrimonio nacional de México*. Volume II. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1997.

meio das diversas representações: “tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito” (PÊCHEUX, 2007: 51).

Diante da morte do herói, o imaginário coletivo produz elementos que buscam perpetuar o personagem histórico em relação ao tempo. Dessa forma, são criadas representações que assinalam um possível retorno do ícone, um regresso permeado por aspirações políticas do presente. A imagem apologética ‘viva’ de Zapata é cultuada pelos insurgentes face a um contexto político, que, para eles, abriu mão dos “reais” benefícios obtidos com o processo revolucionário de 1910: “(...) aquí esta Zapata vivo y digno todavía. Traten de asesinarlo de nuevo. Nuestra sangre va en prenda, que la levante el que aún tenga vergüenza” (EZLN, 1994: 113).

Considerações finais

Enrique Krauze (1997) afirma que a memória histórica mexicana operou como força de gravitação decisiva sobre o presente, todas as épocas do século XX colocaram incessantemente seu olhar sobre o passado em busca de algo específico. Nesse sentido, a historiografia e a análise das fontes mostraram-nos a incrível vitalidade e permanência das insurreições passadas na vida política nacional. Ao analisarmos as representações zapatistas é possível perceber o protagonismo ocupado pelo passado revolucionário e seus personagens, principalmente no que tange a figura de Emiliano Zapata. As lutas de 1910 foram construídas e reconstruídas ininterruptamente ao longo de todo o século XX: “La Revolución mexicana y los mitos son, juntos, los motores del imaginário político moderno de los mexicanos en busca de dignidad, democracia, justicia y libertad” (MATAMOROS PONCE, 2009: 155).

É interessante notar como o EZLN se inseriu em um modelo de filiação com o passado mexicano já amplamente difundido no cenário político do país, fazendo uso deste método para combater o sistema presidencialista que, desde a década de trinta, adotava a mesma íntima ligação com os fatos históricos da nação (BAIÃO, 2012). De acordo com Luiz Estevam de Oliveira Fernandes (2012), a edificação dos discursos nacionais está marcada por tensões como qualquer conjunção de forças políticas e científicas, onde certos aspectos são calados e outros ressaltados de acordo com cada conjuntura: “pode reafirmar o passado ou o futuro, pode negá-los ambos, ou então

conjugá-los de forma poderosa; constitui um conjunto de tradições capaz de gerar efeitos de verdade de consequências duradouras e férteis” (FERNANDES, 2012: 13).

Assim, o EZLN vinculou suas demandas e projetos políticos – e até a sua própria existência – ao passado revolucionário nacional; postulando uma estreita continuidade histórica com toda a memória do país¹⁹. Elementos pretéritos mexicanos foram trazidos para o discurso zapatista, ao mesmo tempo em que os governantes foram acusados de deturpar o ‘espírito original’ da Revolução. A retórica insurgente foi estabelecida tendo em vista um modelo duplo de estratégia: legitimar-se através de projetos históricos; ao mesmo tempo em que tentava destituir o governo federal como gestor oficial da memória nacional. Logo, os símbolos da nação – expressões de lutas sociais e representações míticas que norteiam propostas políticas – vieram a compor o quadro de disputas do conflito de Chiapas, sendo utilizados como ferramentas essenciais contra as políticas neoliberais

De uma forma particular, o EZLN se postulou como ponta de lança da história do México, reivindicando o posto de ‘legítimo herdeiro’ do processo revolucionário de 1910 e frisando a necessidade de retorno aos “princípios primordiais” daquele evento de origem – como a luta pela terra. Logo, houve a necessidade de retomar o passado diante de uma concepção circular de tempo como a “única” maneira de estabelecer novamente o “espírito real” da Revolução. Dentro desse contexto, o passado se tornou ferramenta primordial para as demandas do presente. Em uma entrevista concedida ao sociólogo francês Yvon le Bot, em 1997, o Subcomandante Marcos afirmou que o manejo dos ícones históricos foi muito importante, sendo papel do EZLN disputar com o governo federal a memória desses símbolos. Marcos salienta que:

El terreno de los símbolos es un terreno ocupado, sobre todo en lo que es historia de México. A la hora en que entran en el terreno del lenguaje, del símbolo, es un terreno al que uno tiene que entrar combatiendo para ocupar un lugar. En este caso, en el de los símbolos históricos, el Estado mexicano tiene un manejo de ellos que había que disputarle (SUBCOMANDANTE MARCOS. Apud: LE BOT, 1997: 148).

As ‘armas pretéritas’ foram de suma importância dentro daquele contexto de 1994, buscar legitimidade no presente diante da gestão dos elementos históricos foi fundamental para o EZLN. Emiliano Zapata foi ícone central nas justificativas das reivindicações, trazido à tona diante das modificações no artigo 27 da Constituição. O

¹⁹ Vale lembrar, que apesar de 1910 ser a maior referência dentro do movimento, outras datas também foram usadas como marco temporal para os insurgentes de Chiapas, como o ano de 1492.

mito em torno dos personagens do passado mostrou-se essencial no que tange as representações políticas. Vincular a luta do Exército Zapatista de Libertação Nacional ao passado revolucionário e mais de quinhentos anos de resistência – conforme já apontado – foi uma vital estratégia insurgente. Desse modo, os indígenas da Selva Lacandona se colocaram como representantes de todos os oprimidos do país ao longo de cinco séculos (KRAUZE, 1997). Por fim, é possível concluir que não se tratou apenas de anacronismo, mas de usos do passado com objetivos de criticar as posturas neoliberais do governo e justificar a luta pela terra no presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARD, Pierre. [et al.] *Papel da memória*. Tradução e introdução: José Horta Nunes. 2º Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

ALMEIDA, M. R. C. *O lugar dos índios na história entre múltiplos usos do passado: reflexões sobre cultura histórica e cultura política*. In.: SOIHET, Rachel [et al.]. *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BAIÃO, Fábio. *Uma longa Revolução: história, memória e usos políticos do passado na guerra simbólica entre estado e zapatistas no México*. Mariana: Departamento de História, ICHS/UFOP, 2012, (Trabalho de Conclusão de Curso), 114 p.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Tradução: Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.

EZLN. *Documentos e comunicados n.º 1*. México, D.F.: ERA, 1994.

FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *Patria mestiza: a invenção do passado nacional mexicano (XVIII e XIX)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. *A guerra é o espetáculo: origens e transformações da estratégia do EZLN*. São Carlos: RiMa, FAPESP, 2006.

FLORESCANO, Enrique. (Org). *El patrimonio nacional de México*. Volume I. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1997.

GENNARI, Emilio. *Chiapas: as comunidades Zapatistas reescrevem a história*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

GOHN, Maria da glória. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. *O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória*. IN: ABREU, Martha. SOIHET, Rachel. GONTIJO, Rebeca.

(Orgs.). *Culturas políticas e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC-RJ, 2006.

KRAUZE, Enrique. *La presidencia imperial*. Ascenso y caída del sistema político mexicano (1940-1996). México, D.F.: Tusquets Editores, 1997.

LE BOT, Yvon. *El sueño zapatista*. Milão: Ed. Mondadori, 1997.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007.

MATAMOROS PONCE, Fernando. *Memoria y utopía en México: imaginarios en la genesis del neozapatismo*. Buenos Aires: Herramienta, 2009.

MIGUEL, Luiz Felipe. *Em torno do conceito de mito político*. Revista Dados vol. 41 n° 3: Rio de Janeiro, pp 1-18, 1998.

PÊCHEUX, Michel. *O papel da memória*. In.: ACHARD, Pierre. [et al.] *Papel da memória*. Tradução e introdução: José Horta Nunes. 2° Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

ROSA, Alberto. *Recordar, descrever e explicar o passado*. O que, como e para o futuro de quem? In: CARRETERO, Mario; ALBERTO, Rosa; GONZÁLES, Maria Fernanda (orgs.). *Ensino de história e memória coletiva*. Tradução: Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.

SELIGMAN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

SILVA, H. R. “*Rememoração*”/comemoração: as utilizações sociais da memória. Revista Brasileira de História, vol. 22, n° 44. 2002. pp. 425-438.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. *Imagens da Revolução Mexicana*. O Museu Nacional de História do México (1940-1982). São Paulo: Alameda, 2007.

Data de recebimento: 29/07/2014

Data de aceite: 19/11/2014